MONUMENTO
DO
AGRADECIMENTO,
TRIBUTO DA VENERAÇAM,
OBELISCO FUNERAL DO OBSEQUIO,
RELAÇAM FIEL
DAS REAES EXEQUIAS,
que á defunta Mageſtade
DO FIDELISSIMO E AUGUSTISSIMO REY O SENHOR
D. JOAÕ V.
DEDICOU
O DOUTOR MATHIAS
ANTONIO SALGADO
Vigario Collado da Matriz de N. Senhora do Pilar da Villa de S. Joaõ del Rey
OFFERECIDA
AO MUITO ALTO, E PODEROSO REY
D. JOSEPH I.
NOSSO SENHOR.

LISBOA:
Na Officina de FRANCISCO DA SILVA,
Anno de MDCCLI.
Com todas as licenças neceſſarias.

SENHOR.

SENDO taõ dilatadas as maõs dos Reys, naõ he muito que

eu neſta diſtancia chegue a beijar a Real maõ de Voſſa Mageſtade. Com eſta preciſa demonſtraçaõ do reſpeito, e da lealdade pertendo, como fiel vaſſallo, manifeſtar o goſto exceſſivo, que me toca pela exaltaçaõ de V. Mageſtade ao Throno. Naõ repare V. Mageſtade que, entre tantos exceſſos da alegria, offereça a Voſſa Mageſtade eſte tributo funeral, que pagou o meu agradecimento ao Fideliſſimo Senhor Rey D. Joaõ o V. Pay Au-

Auguſto de V. Mageſtade. Naõ he iſto, Senhor, confundir os cypreſtes com as palmas, os vivas com os gemidos, as acclamaçoẽs com as exequias; antes he contribuir para a gloria da acclamaçaõ de V. Mageſtade. Pois q̃ mayor annuncio das felicidades, que no Reynado de V. Mageſtade profetiza o augmento do ſeu Real Nome, em tudo primeiro, do que vermos que tem hum Pay immortal! Todas as proſperidades, que gozou ò Egy-

pto

pto no governo do ſeu Vice-Rey Joſeph, tiveraõ a ſua aſcendencia nas bençoens do Ceo. No Ceo tem V. Mageſtade quem lhe lançou, e lança a bençaõ, e por iſſo ſe promette Portugal em V. Mageſtade, como primeiro Joſeph, felicidades correſpondentes á que logra em ter a V. Mageſtade por ſeu Soberano. Proſpere Deos a vida de V. Mageſtade, como lhe pedimos, para deſempenho das noſſas eſperanças, e complemento ultimo da noſ-

noſſa gloria. S. Joaõ de El-Rey 14. *de Mayo de* 1751.

O Vigario de S. Joaõ de ElRey.

Mathias Antonio Salgado.

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

CENSURADO M.R.P.M.Fr.FRANCISCO Xavier de Lemos, Qualificador do Santo Officio da Sagrada Ordem dos Prégadores, &c.

ILLUSTRISSIMOS SENHORES.

FIel executor das Ordens de Voſſas Illuſtriſſimas vi a Relaçaõ das Exequias, que ao Rey Fideliſſimo dedicou o Doutor Mathias Antonio Salgado, Vigario da Matriz de N. Senhora do Pilar da Villa de S. Joaõ delRey, Comarca do Rio das Mortes, e com mayor applicaçaõ attendi ás duas Oraçoens Funebres, que a eſſe objecto recitou o meſmo Reverendo Vigario.

Para expôr a Voſſas Illuſtriſſimas o conceito, que fiz deſte papel, baſta ſignificar o que há muito formey deſte Author. He eſte, que o Doutor Mathias Antonio Salgado foy hum dos mais egregios Oradores, que talvez com vantagens a muitos, que appareceraõ nos roſtos da famoſa Roma, ſubiraõ aos pulpitos da noſſa Luſitania, ſoando ainda hoje em cada dia feſtivo os doces eccos da ſua eloquencia

na Relaçaõ ſe acha palavra, que repugne aos dogmas da Fé, ou pureza dos coſtumes. Carmo de Lisboa 1. de Outubro de 1751.

Fr. Franciſco Auguſto.

VIſta a informaçaõ, póde-ſe imprimir a Relaçaõ, e Sermoens, de que trata a petiçaõ, e depois de impreſſo torne para ſe dar licença para correr. Lisboa 3. de Outubro de 1751.

D. Jozé A. de Lacedemonia.

CENSURA DO M. R. P. M. PEDRO Alſaya da Sagrada Companhia de JESUS, &c.

SENHOR.

LI por ordem de V. Mageſtade eſta Relaçaõ, e os dous Sermoens, em que, como em Pólos ſe revolveo a grande eſfera do engenhoſo Doutor, o Reverendo Mathias Antonio Salgado, e me parece que nunca a Frota do Rio veyo taõ importante, como quando nos trouxe eſte precioſo papel, em cuja comparaçaõ perde os quilates todo

do o ouro, que nos coſtuma vir daquelle novo mundo: *Omne aurum in comparatione illius arena eſt.* Sap. 7. v. 8. Eſtá Obra ſingular, e por todos os lados taõ perfeita, que naõ he facil de rezolver, ſe ſobre-ſahe mais neſta Obra a materia, com que para ella concorreo o Fideliſſimo, e Auguſtiſſimo Rey, o Senhor D. Joaõ o V., cu a fórma, que lhe deo eſte famoſo Orador; porque ſe as acçoens daquelle grande Monarcha nos ſuſpendem por raras, e em gráo ſuperlativo heroicas, tambem o eſtylo deſte celebrado engenho nos eleva, por ſe achar nelle ſingularmente unido o mais natural, e eſpontaneo com o mais perſpicaz, e profundo. Aſſim o moſtraõ os ſeus conceitos os mais profundos, as ſuas reflexoens as mais agudas, e as ſuas palavras as mais proprias. Com ellas retratou taõ vivamente ao noſſo Fideliſſimo, e Auguſtiſſimo Rey, que quem tomar nas maõs eſtes Sermoens ſe achará com hum fiel retrato, em que contemple todas as prendas, com que a natureza o aperfeiçoou, e todos os dotes, com que a graça o enriqueceo. Por iſſo me parece eſta obra muito digna do Real agrado de V. Mageſtade, e de ſe dar ao prélo para gloria ſingular do noſſo reyno; pois quando eſte naõ tiveſſe cultivado outros engenhos mais que o do Author, eſte ſó baſtaria para credito immortal da naçaõ Portugueza; aſſim como baſtou para credito do Egypto hum ſó Antonio: *Quod ſi nullum alium protuliſſet Ægyptus, ſatis erat Antonius*, eſcreveo S. Jeronymo. Eſte o meu parecer. V. Mageſtade ordenará o que for ſervido. Lisboa Collegio de S. Antaõ da Companhia de JESUS 6. de Outubro de 1751.

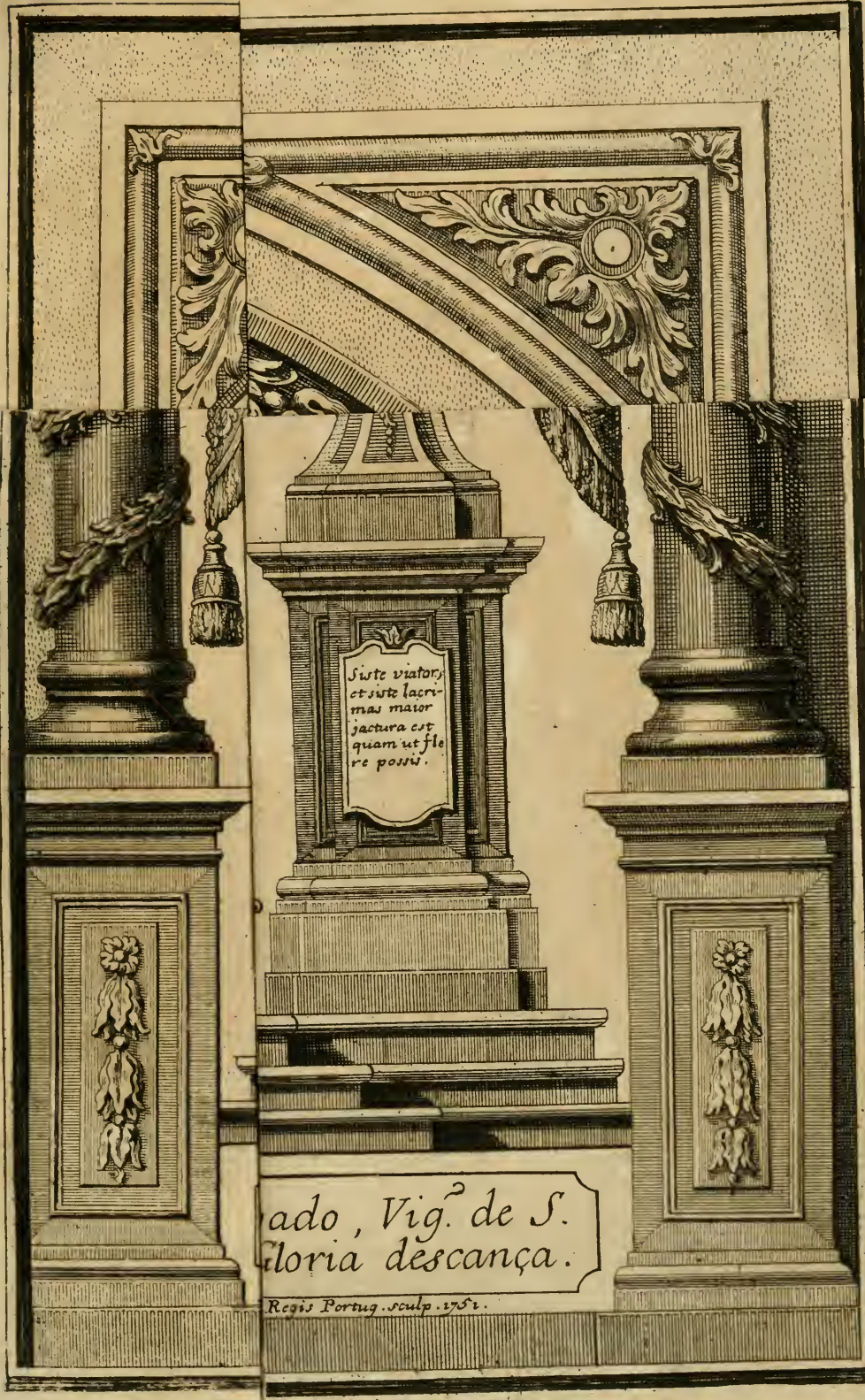
Pedro Alfaya,

Que

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará á Meſa para ſe conferir, e taxar, e dar licença para que corra, e ſem iſſo naõ correrá. Liſboa 7. de Outubro de 1751.

Attaide. Almeida. Mouraõ.

RE-


Siste viator,
et siste lacri-
mas maior
jactura est
quam ut fle
re possis.
ado, Vig.ª de S.
loria descança.
Regis Portug. sculp. 1751.

foldout/map
not digitized

RELAÇAM FIEL
DAS REAES EXEQUIAS
da defunta Mageſtade
DO
FIDELISSIMO,
E AUGUSTISSIMO REY O SENHOR
D. JOAÕ V.

QUANDO eſtas Minas; ſempre leaes aos ſeus Monarchas, eſperavaõ ancioſas a dezejada melhoria da rebelde queixa, que ha tantos annos padecia a Mageſtade Fideliſſima do ſeu Auguſtiſſimo, e Sereniſſimo Rey, e Senhor D. Joaõ o V., trocada a eſperança em magoa, o dezejo em tormento, a gloria em triſteza, e a galla em luto, pela Bahia de todos os Santos chegou a vaga, e triſte noticia (ainda que ao principio ſó como ruím acreditada)

ditada) de ſer fallecido para o mundo eſte Poderozo Monarcha Luſitano , de todos os ſeus Reys exemplar incomparavel.

O pouco ſeguro allivio, que eſta noticia , ainda por duvidoza, aos povos communicava , ſe deſvaneceo com as ordens , e expreſſos , que o Illuſtriſſimo e Excellentiſſimo Gomes Freyre de Andrada , Governador , e Capitaõ General deſtas Minas , mandou da Cidade do Rio de Janeiro para todas as ſuas Comarcas , Villas , e Camaras , para que , aſſim como na vida de tal Rey tinhaõ ſido participantes de ſeus beneficios , foſſem na ſua morte com publicas , e particulares , internas , e exteriores demonſtraçoens do juſto ſentimento, laſtimaveis pregoeiros de tanta perda.

Aos 25. de Dezembro do anno paſſado de 1750. chegou a eſta Villa de S. Joaõ de ElRey , Comarca do Rio das Mortes , a certeza de taõ infauſta noticia; e he de crer que , ſendo na lealdade , e no nome eſta Villa taõ particular da Mageſtade defunta , havia forçozamente de ſer tambem entre todas a mais eſpecial no ſentimento.

Naõ houve em todo eſte povo creatura , que, tendo o Racional por differença , naõ fizeſſe neſte lamentavel eſtrago mais apreço do ſenſitivo ; morador , que naõ moſtraſſe no pranto a magoa de ſeu ferido coraçaõ : e ainda na multidaõ dos eſcravos pouco intelligentes da publica utilidade , e que naõ ſabem pezar a ruina do Ceptro na balança do entendimento , ſe naõ via algum , que no enlutado ſemblante, ſem mudar de cor , naõ foſſe muda eſtatua da pena; e da magoa immovel eſtafermo.

A Igre-

A Igreja ſentia a falta de hum Monarcha taõ liberalmente piedozo para o Culto Divino ; os Eccleſiaſticos moſtravaõ-ſe ſentidos na perda de hum Soberano , que , ſem dezar da Mageſtade , tanto os reſpeitava ; os vaſſallos choravaõ a morte do ſeu Rey , que taõ pacificamente os conſervou ; os Politicos lamentavaõ , que morreſſe hum Principe taõ perfeito ; a quem , eſquecidos do Senhor D. Joaõ o II. no nome , dezejavaõ immortal na duraçaõ ; e o povo finalmente clamava inconſolavel que perdera , naõ hum Rey , mas hum Pay , de quem , ſendo vaſſallos por ſujeiçaõ , eraõ mais que filhos por amor.

Com eſte univerſal ſentimento , depois de quebrados os Eſcudos nas praças mais publicas da Villa ; (antiga ceremonia , que ſe obſerva na morte das Mageſtades Portuguezas) fez a Camara na Igreja Matriz de N. Senhora do Pilar da meſma Villa , aſſiſtindo-lhe o Doutor Corregedor da Comarca Thomaz Roby de Barros Barreto do Rego , com pompozo , e funebre apparato as ſuas Reaes Exequias aos 28. do mez de Dezembro , moſtrando na morte do ſeu Rey o final tributo da vaſſallagem , mas naõ o ultimo para a ſua veneraçaõ , e ſaudade

Quiz o Doutor Mathias Antonio Salgado Vigario collado deſta meſma Igreja Matriz , ou foſſe por obrigaçaõ de divida , ou por agradecimento do beneficio , moſtrar á Fideliſſima Mageſtade defunta do Senhor Rey D. Joaõ o V. , que nem a diſtancia o fizera eſquecer dos Reaes favores , nem a morte o havia arguir de deſagradecido á memoria de hum Monarcha , que tanto em ſua vida o favorecera ; e determinou , no modo poſſivel , pagar-lhe em bem da alma o

bem; que lhe havia feito na aprezentaçaõ do ſeu Real Padroado deſta Igreja; fineza, que, ainda que experimente a emulaçaõ dos ingratos, naõ chegará a ſentir a criſi da lizonja.

Seſſenta dias ſe dilatou a funebre, e magoada; mas amante demonſtraçaõ deſte fiel, e fervorozo agradecimento; holocauſto, que, naõ conſentindo pela dor demoras ao dezejo, precizou, a eſtimulos do deſvélo, deſta tardança, para proporcionada execuçaõ da idéa de hum obeliſco mais ſublime, que os decantados da antiga Roma, de huma Pyramide mais elevada, que as maravilhoſas do Egypto, e de hum Regio Mauſoleo mais pompozo, e amante, que aquelle, que ſoube erigir Artimiza para padraõ do amor; e monumento da ſaudade á memoria do ſeu Rey, e defunto marido Mauzeolo.

Era eſta artificioſa fabrica copia da engenhoſa idéa do Sargento mór Antonio de Moraes Sarmento; tinha todo o corpo 40. palmos de alto deſde o ultimo, e ſuperior degráo; 20. de largo, de figura oitavada em forma pyramidal; eſta ſe repartia em quatro corpos parciaes, membros, de que ſe compunha o pompozo, e agigantado compoſto de machina taõ funeſta: os primeiros tres bancos ſe ornavaõ pelas ſuas faces com 12. tarjas de meyo relevado, veſtidas de faſtoens, e mais folhagens de ouro, e prata, que realmente as formozeavaõ, e enriqueciaõ: eraõ os eſcudos deſtas tarjas de morte cor, dentro dos quaes ſe viaõ finamente pintados varios Emblemas, deduzidos de alguns lugares da Sagrada Eſcritura, com ſeus Lemmas, e letras por baixo em fitas de ouro, e prata, o que logo ſe decifrava em elegantes Diſticos;

eſ

eſcritos em pannos prateados, que pendiaõ das meſmas tarjas, e ficavaõ nos córtes dos ditos corpos, que faziaõ o oitavado da figura, ornando-ſe tudo com varias folhagens douradas de engenhoſo, e admiravel artificio.

O quarto, e ultimo banco ſe adornava de varios gomos, e meyas canas douradas, e prateadas; que com apparatoza architetura, e fórma ſingular lhe faziaõ diſtinguir o plinto, corpo, e cornija, tendo ſobre eſta hum banco, em que aſſentava huma almõfada de veludo preto agaloado de ouro, rematando em cima eſta funebre Pyramide com huma Coroa, e Ceptro de prata, como Real Coroa de taõ mageſtoſa obra.

Suſtentava ſe eſta triſte, e ſublime machina em oito quartoens de altura de 9. palmos de fingido Alabaſtro com varias folhagens douradas, de cujas volutas prendiaõ faſtoens dourados de huns aos outros, que ſe enlaçavaõ com igualdade por baixo do plinto do primeiro banco; os plintos, em que aſſentavaõ aquelles quartoens, eraõ de fingido marmore azul: o pavimento deſta obra era hum eſtrado formado na meſma figura oitavada de tres degráos da meſma pedra; cujo plano ſe via pintado de hum admiravel xadrez azul, e branco, que além da perfeiçaõ fazia ſobreſahir melhor a elevada fabrica deſte mageſtozo, e triſtiſſimo Obeliſco.

Divizavaõ-ſe os Emblemas nas oito faces principaes dos dous primeiros corpos deſte compoſto; ideados, e applicados todos pelo amor, e engenho do meſmo Mathias Antonio Salgado, que na urna da dor, ou na pyra da ſaudade queria, na ſenſivel mor-

te

te de taõ Auguſto Monarcha, naõ ſó moſtrar a magoa no diſpendio, mas accreſcentá la na lembrança das acçoens, e virtudes, com que eſte Rey Fideliſſimo em ſua vida tanto ſe diſtinguio entre todos os Monarchas de Religioſa Chriſtandade.

Na frente deſte corpo, e face principal do primeiro banco ſe lia em huma bem lançada fita de ouro o ſeguinte lugar da Eſcritura Sagrada.

Scio hominem in Chriſto . . . raptum hujusmodi uſque ad tertium cœlum.
2. ad Corinth. 12. v. 2.

Por baixo huma bem pintada Náo de morte cor dentro do eſcudo de huma das 12. tarjas, ſurgindo dos abyſmos do Oceano, e elevando-ſe até o meſmo Ceo, em cujo ſeguro porto parecia querer livrar ſe das tempeſtades do mar, e inconſtancia das ondas; era a Letra: *E tumulo ad cœlum.*

Deciſra-ſe no glorioſo tranzito da defunta Mageſtade Fideliſſima, ſubindo ao ſeguro porto do Ceo, como chriſtaãmente cremos, do undozo, e inconſtante pelago de trabalhos, em que vivia neſte mundo, naõ ſó no inſopportavel pezo da Monarchia, como no tormentoſo abyſmo da dilatada moleſtia, de que deo a alma ao Creador de tudo, e Rey dos Reys; o que cordialmente moſtrava aquelle Salgado engenho em o prateado panno neſtas clauſulas.

Quæ modo diſciſſis viſa eſt tumularier undis
E tumulo ad cœlum ſuſtulit unda Ratem;
E tumulo ad cœlum tempeſtas improba fati

Re-

Regem effert: portum jam ſua puppis habet.

Na face ſuperior do ſegundo banco ſe viaõ ſabiamente applicadas eſtas palavras da melhor Sabedoria, eſcritas tambem em fita de ouro

Spes illius immortalitate plena eſt.
Ad illud Sap. 3. v. 4.

Era o Emblema huma Real Aguia bebendo os rayos do Sol, a cujas luzes ſó aſpirava, com eſte Lemma: *Non eſt mortale, quod optat.*

Bem o explicava a meſma apparada penna; deſcrevendo nos ſeguintes Diſticos o inſaciavel dezejo, com que eſta Imperial Aguia Portugueza, deſprezando a fragilidade do mundo, e ſombras da terra; ſe queria illuſtrar entre as luzes do Divino Sol.

Aſpicis, ut Solem quærit Jovis armiger ales,
Intentisque oculis lumina grata bibit?
Non eſt terrenum: *Non eſt mortale, quod optat*;
In Sole obtutum paſcere ſolus amor.
Nomina non fallunt; Aquila eſt Auguſta *Joannes*,
Atque Aquilam expreſſit, dum parat ire polum.
Non ſibi terra placet: *Non eſt mortale, quod optat*;
Æterno ut paſcat lumina ſole, volat.

Da parte collateral da Epiſtola ſe divizava na face do primeiro corpo em fita de prata o ſeguinte lugar da Eſcritura Sagrada.

Quaſi

Quaſi non eſt mortuus, ſimilem enim reliquit ſibi poſt ſe.

Eccleſiaſt. 3. v. 4.

Moſtrava-ſe dentro do eſcudo da tarja a pintura do Emblema na celebre fabula de ElRey Athlante, quando, para dar deſcanſo ao ſeu trabalho, largou de ſeus hombros ſobre os de Alcides o pezo de todo o mundo, que nelles ſuſtentava; e era o Epygrafe: *Non deficit alter.*

Quiz com muita propriedade dizer o ſeu ſabio Author, que o noſſo defunto Monarcha, incomparavel Athlante, que por tantos annos ſuſtentou o pezo grave da Luſitana Monarchia, querendo por premio de ſeu trabalho ir deſcançar na celeſte Patria, morrera, largando o pezo do Imperio ſobre os Regios hombros de ſeu Aguſtiſſimo Filho, e Succeſſor, o Sereniſſimo, e Fideliſſimo Rey D. Joſeph N. S., que, como verdadeiro Hercules Portuguez, o ſuſtentará por tantos annos, quantos pede o noſſo intereſſe, quantos dezeja o noſſo amor, e quantos merece a ſua Real Piedade, e Beneficencia: e bem ſe explica o Emblema nas ſeguintes clauſulas

Feſſus Athlas dum liquit onus; *non deficit alter,*
Par ſibi, qui ſimiles ſuppleat orbe vices.
Non aliter, nam fata vocant, dum Lyſius Athlas
Depoſuit Regni, quod grave geſſit, onus;
Viribus Herculeis Princeps *non deficit alter*,
Qui molem Imperij, Rege cadente, ferat.
Funere ne credas totum periſſe *Joannem*;

Dum

Dum poſt ſe Sobolem linquit in orbe parem.
Regnat adhuc, vitamque trahit poſt funera ſoſpes;
In Nato regnat, vivit & ille ſuo.

Na face do banco ſuperior do meſmo lado ſe moſtravaõ eſcritas em outra fita de prata eſtas palavras da Sacra Pagina.

Mihi.... mori lucrum.
Philip. 1. v. 21.

Explicava-ſe o Emblema em huma véla, dando, como coſtuma, mayor claridade, e reſplendor de luz ao tempo de apagar ſe, e quando morre; e era a propriedade da Letra: *In interitu clarior.*

Dando-ſe a entender, que eſte Fideliſſimo Principe, e Rey Soberano, naõ ſó como véla acceza, mas como brilhante tocha da Fé, e da Chriſtandade, tivera em ſua morte mais clara a luz do ſeu Real Entendimento, moſtrando na meſma o mayor reſplendor das ſuas virtudes; aſſim o enſinuava a deſcripçaõ dos verſos ſeguintes, que ideou a eloquencia do varaõ, que votava enternecido eſtes triſtes, e amorozos obſequios, que ſe viaõ lavrados no prateado panno, que pendia da tarja, onde o meſmo Emblema ſe incluia.

Mayorem emittit fax jam moritura nitorem;
Clarior interitu, dum cadit umbra, nitet.
Hæc eſt Luſiadûm Regis morientis imago,
Clarior interitu, quàm fuit ante, manet.

Na frente ; que correſpondia para o Altar mayor , ſe naõ a principal para a curioſidade do concurſo , a primeira pelo termo , que mais directamente venerava , ſe lia na face do corpo inferior deſta funebre maravilha eſte ſagra do Lugar :

Abiit accipere ſibi Regnum.
Luc. 19. v. 12.

Conſiſtia o Emblema , que no eſcudo da tarja ſe divizava , na primoroſa pintura daquelle brilhante Planeta , Rey , e Monarcha dos Aſtros , quando ſepultado em urnas de cryſtal , procura brilhar no Reyno dos Antipodas , deixando entre confuzoens , e triſtezas aquelles , de que ſe aparta , e para quem morre ; tinha por Lemma : *Regnum aliud quærit.*

Foy felicidade do Author moſtrar com tanta energia , que o Sol Portuguez da Mageſtade Auguſta do Senhor Rey D. Joaõ o V. no ſeu ſentido occaſo antes quizera deixar o ſeu Reyno de Portugal, a pezar do noſſo ſentimento , pelo Reyno celeſte ; onde reynará triunfante , e glorioſo por toda a eternidade entre os habitadores do Empyreo : e iſto he o que inculcaõ as metricas conſonancias , que ſe ſeguem :

Phœbus in occaſu non Regni amittit habenas;
Regnum aliud quærit , dum tumulatur aquis.
Ut Sol occubuit , liquit dum regna , *Joannes* ,
Non tamen occubuit funere Regis honor.
Regnum aliud quærit , nullo quod clauditur œvo ,
Par meritis ſolùm eſt iſta corona ſuis.

Na

Na face do corpo ſuperior ſe achavaõ eſcritas em fita de ouro eſtas ſagradas letras da Eſcritura.

Sol cognovit occaſum ſuum.
Ex Pſalm. 103. v. 19.

Em eſcudo de rica tarja ſe reprezentava o Emblema na artificioſa pintura da ave Fenix, renaſcendo advertida das meſmas chammas, em que morre pregoeira do ſeu final deſtino; ſendo o ſeu Epygrafe: *Fati ſibi conſcius.*

Dava a entender eſte fiel Panegyriſta das virtudes, e acçoens da Fidelíſſima Mageſtade defunta; que antes da ſua morte fora ſabedor da ultima hora da ſua vida, conhecendo o tempo, em que havia de dar a ſua alma ao Creador dos Ceos, e da terra; conceito, que bem explicou na elegancia do metro.

In tumulo Phœnix *fati ſibi conſcius* ardet;
Natalemque parat, dum perit igne, diem.
Inſtar Phœnicis novit ſua fata JOANNES,
Atque pio, *fati conſcius*, igne flagrat.
Qui ſua prævidit Rex funera doctus amore,
Crede, carens œvo mors ſibi vita fuit.

Pela parte collateral do Evangelho na face do primeiro corpo deſta elevada maquina ſe mettiaõ pelos olhos, e pelo entendimento de todos, os que a contemplavaõ, eſtas ſentencioſas verdades das Divinas Letras.

Pretiosa in conspectu Domini mors eius.
Psalm. 114. v. 5.

Mostrava em vistosa pintura o escudo da tarja aquella decantada Arvore pelos Poetas de hum ramo de ouro, que cortado, logo de novo apparecia com outro similhante na grandeza, e preço, a que se applicava a Letra: *E cæde acquirit pretium.*

Alludia este Emblema á Real, e Preciosa Arvore do Fidelissimo Rey, e Senhor D. Joaõ o V., que, sendo cortada no Outono de seus annos a violencias do cruel golpe da Parca, adquirio no mesmo córte o mayor preço, brotando com mais riquezas; renascendo Arvore de ouro no Paraizo, veyo a servir lhe a morte de instrumento para o premio, que alcança na gloria, como aquella moralmente nos prognostica; parece, que assim o quiz dizer aquelle douto Orador, e Poeta:

E cæde acquirit pretium, dum cæditur, arbor
Aurea, sub ferro læsa refundit opes.
Funeris hæc Regis pretium late explicat arbor;
Nam pretium acquirit, dum modo cæde cadit.
Quot virtutis opes felici in funere prodit?
Qui sic occumbit, mors pretiosa sua est.

Finalmente na oitava face do segundo corpo deste lado se representava em fita de prata este texto da Escritura Sagrada.

Vola-

Volabo; ut requieſcam:
Pſalm. 54. v. 7.

Naõ podia o Emblema ſer mais genuino para o intento, moſtrando no eſcudo de outra ſimilhante tarja huma incendida chamma de fogo, ſubindo para o Ceo, e buſcando por materia os meſmos ares, em que ſe ateava; tinha por conceito o ſeguinte Lemma: *Ut requieſcat.*

He a ſua applicaçaõ, que aſſim como a chamma do fogo ſóbe para cima, querendo fugir da terra; como violento deſterro da ſua inclinaçaõ, por buſcar nos Ceos a ſua propria regiaõ; da meſma ſorte a luz do entendimento, e a incendida chamma, em que ſe abrazava o ardente coraçaõ, e Regio peito deſte Sereniſſimo Monarcha no amor de Deos, quiz fugir do deſterro deſte mundo, buſcando no Ceo, a que ſubio, a patria, para que fora creado, como propria regiaõ, que tinha merecido por ſuas virtudes: eſte foy o conceito do Author deſtes Emblemas, igualmente ſentencioſos, que diſcretos, como ſe moſtrava do prateado panno, e lenço, que pendia da meſma tarja.

Cernis, ut impatiens terras fax ignea linquit?
Cæleſti *ut* tantùm ſede *quieſcat*, abit.
Pectoris iſta tui monſtrat fax vota, *JOANNES*;
Orbe fugis, cœlo nam Tibi ſola quies.

Nas outras quatro tarjas, que ſerviaõ de ornato ao terceiro corpo deſta eſtupenda, e mageſtoſa ar-

architectura pelas quatro faces principaes do oitavado ſe liaõ outras tantas inſcripçoens, e Lugares da Sagrada Pagina, que applicou a curioſidade á memoria ſaudoza deſte Fideliſſimo Principe: Na fronteira á porta principal da Igreja era o ſeguinte Texto:

Vivit anima tua, Rex?
Reg. lib. 1. 17. v. 55.

Na face collateral da Epiſtola o ſeguinte:

Effugiſti mortis imperium.
Tob. 2. v. 8.

Na fronteira ao Altar mayor ſe moſtrava eſte:

Tranſit à morte in vitam.
Joann. 5. v. 24.

E pela parte do lado do Evangelho ſe offerecia o ſeguinte Texto:

Non eſt viro huic judicium mortis.
Jerem. 26. v. 16.

Entre os quartoens, que ſerviaõ de Athlantes, ſuſtentando o agigantado corpo deſta maquina; igualmente luzida, que horroroza, por baixo do plinto do primeiro corpo ſe aprezentavaõ tambem no meyo das quatro faces principaes em idioma vulgar quatro Sonetos. lavrados em artificioſas tarjas, que a triſte e nunca mais tarda Muſa do indigno Eſcritor deſta Relaçaõ Funebre formou em Epitafios na magoa com a penna

a penna do ſentimento : era o da frente o ſeguinte

SONETO.

AQui jaz , e naõ jaz , ó Luſitanos,
Hum Rey , cujas acçoens daõ larga hiſtoria:
Realmente naõ jaz , ſim na memoria
Dos vaſſallos leaes Americanos.
Para ſeu bem , e noſſos dezenganos,
O ſeu Reyno trocou pelo da Gloria;
Por moſtrar que eſta vida he tranzitoria,
E ſaõ tambem mortaes os Reys humanos.
Perdemos , ecclipſada a Mageſtade ,
Fino amor , certa paz , firme eſperança ;
Hum Pay da patria , o Rey de mais piedade:
Dando-nos, como a filhos , por herança
Eterna ſua vida na ſaudade ,
Sua morte perpetua na lembrança.

Na face do lado da Epiſtola ſe lia em outra tarja eſte

SONETO.

CRuel Parca , golpe fero ; duro córte !
Como entre labyrinthos , e entre horrores
Te oppoens tyranna aos Regios eſplendores
Trovaõ de lutos , rayo de Mavorte !
Tudo acaba , conſóme tudo a morte ,
Pobres vaſſallos , Reys , Imperadores ,
Baixas choupanas , torres ſuperiores ,
Ceptro Regio , elmo duro , eſpada forte.

Naõ

Naõ me admira que a Parca enfurecida
Tudo conſumma, quando a todos chama
Quem do Quinto JOAM foy homicida.
Mas advirta, que tanto o Povo o acclama,
Que ſe póde roubar-lhe a fragil vida,
Naõ póde eſcurecer-lhe a regia fama.

Na face fronteira ao Altar mayor ſe deixava ver o ſeguinte

SONETO.

ESta funebre maquina, que encobre
Em Regio Mauſoleo a Real Grandeza,
Dezenganando a humana Natureza,
He funeſta expreſſaõ do amor mais nobre.
Occulta a Mageſtade, e ſe deſcobre,
Que a morte, por mais tymbre da inteireza,
Naõ diſtingue a humildade da nobreza,
O Rey, ou o vaſſallo, o rico, ou o pobre.
Tudo morre, e naõ he, naõ, impiedade,
Que a meſma natureza he que aſſegura
Ser feudo da mortal fragilidade.
Pois nem póde izentar-ſe á morte dura
A Regia oſtentaçaõ da Mageſtade
Nos eſtragos fataes da ſepultura.

E logo pelo lado do Evangelho ſe oſtentava no eſcudo da ultima tarja o ſeguinte Epitafio, e

SO-

SONETO.

AQui eſtaõ, Portuguezes celebrados,
Do noſſo Rey os Regios eſplendores,
Ou em pyra de luzes exteriores,
Ou em urna de dor depozitados.
Neſta morte os ſuſpiros duplicados
Sejaõ em tanto exceſſo ſuperiores;
Com que do povo os funebres clamores
Correſpondaõ leaes da fama aos brados.
Chore pois eſta America ſentida
De taõ grande Monarcha o eſtrago forte,
A que a pena a conduz, e a dor convida.
Lamente Portugal, publique a Corte
A breve duraçaõ de tanta vida,
O golpe accelerado deſta morte.

Finalmente, eſte aſſombro dos Mauſoleos, eſta maravilha das Pyramides, e eſte funeſto, e incompa-ravel Obeliſco eſtava com tanto cuſto, e engenho artificioſamente ornado, que, além das riquiſſimas tarjas, e folhagens douradas, e prateadas, em que ſe davaõ a admirar tantos Emblemas, ſagradas Inſcri-pçoens, e Epitafios, a abundante copia de precio-ſos galoens de ouro, e prata, de que ſe ornava, fa-zia encobrir o campo dos veludos, e ſedas pretas, com que ſe veſtia todo eſte architectado compoſto, ſobreſahindo ſó em pequenos claros, que enlutados faziaõ realçar o ornato com diſtinçaõ viſtoſa do arti-ficio.

Nos quatro córtes angulares, com que eſta fa-

fabrica formava a figura oitavada eſtavaõ outros tantos pedeſtaes de dous corpos, fazendo a meſma figura com ſeus reſſaltos, os plintos eraõ de Alabaſtro fingido, os corpos de marmore azul refendidos, as cornijas do meſmo Alabaſtro, e ouro; o ſegundo corpo deſtes pedeſtaes, como fielmente demoſtra o riſco, tinha o plinto azul, o corpo branco, e o capitel Jonico, e dourado, demandando cada pedeſtal de altura 17. palmos até os capiteis.

Sobre o pedeſtal do lado direito fronteiro á porta principal da Igreja ſe via em vulto hum horroroſo Eſqueleto cuberto com manto de Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e na maõ direita huma Coroa em final de Mageſtade, tendo em panno branco de ſombras eſtendido na frente pela face do ſeu pedeſtal a ſeguinte inſcripçaõ, parto do entendimento do meſmo erudito Vigario.

Siſte, Viator, & ſiſte lacrymas;
Major jactura eſt,
Quam ut flere poſſis.
Imo
Non lacrymis opus eſt,
Quando
Non Regem parentamus amiſſum,
Sed proſequimur cœlo redditum.
Auguſtiſſimus Rex JOANNES QUINTUS
Nec Regnum amiſit, nec coronam.
Nunc maxime ſupra nos regnat,
cum in cœlo regnat.
Quod coronam adhuc retineat,
Ex eo proditur,
Mittit coronam ſuam ante Thronum.

Na

Na face interior do meſmo pedeſtal ſe lia em huma bem lançada tarja a inadvertida reprehenſaõ; com que o mal limado Eſcriptor deſta funebre relaçaõ accuſava a meſma Morte da crueldade do golpe neſte

SONETO.

DEtem; morte cruel, furia tamanha:
Vê que acabas hum Principe perfeito;
Reges o golpe, ignoras o ſujeito,
Que he eſtrago deſſa funebre guadanha.
Ninguem te approvará, antes te eſtranha
Todo o mundo eſſe golpe ſem reſpeito,
Que eſſa acçaõ he curioſa, e ſem preceito,
He rigor, e impiedade, naõ façanha.
Com taõ pouca attençaõ, e deſſa ſorte
Se ultraja huma Coroa eſclarecida,
Se mata hum Rey, tal Rey, taõ ſabio, e forte?
Pois ſabe, monſtro cruel, dura homicida,
Que deſpojo naõ póde ſer da morte,
Quem merece por premio eterna vida.

Sobre o ſegundo pedeſtal do outro lado oppoſto; e tambem fronteiro á porta principal da Igreja, ſe levantava em vulto outro horrivel organizado Eſqueleto cuberto com outro manto da meſma Ordem de Chriſto, fazendo alarde da deſattenta fouce, que empunhava, como inſtrumento duro das ſuas victorias, moſtrando em outro lenço branco extendido pela frente do pedeſtal eſta inſcripçaõ da meſma penna Latina

Ubi eſt, Mors, victoria tua?
Non jacet hìc,
Qui hìc jacet.
Fideliſſimum Regem JOANNEM QUINTUM
Tumulus non capit,
Cui
Anticipato obſequio,
Clientum deſideria
Suis in cordibus
Poſuere monumentum.
Ibi
De Regno immortaliter meritus
Rex Fideliſſimus
Et vitam, & Regnum
Auſpicatur immortale,
Hoc tantum nomine.
Morti obſtrictus;
Quia ſibi abſtulit, quod mortale erat,
Ut totus fieret immortalis.

Na face interior do meſmo pedeſtal ſe eſtendia em bem recortada tarja a deſculpa religioſa, com que a meſma morte áquelle Soneto da queixa pelos meſmos conſoantes reſpondia no ſeguinte

SONETO.

CRuel naõ he minha furia, nem tamanha;
Como cuidas; que o Rey, por mais perfeito,
Por força do deſtino eſtá ſujeito
Aos eſtragos finaes deſta guadanha.

Se

Se o pede a natureza, como eſtranha
O mundo perder eu qualquer reſpeito ?
Que quem cumpre de Deos o alto preceito
Obra por ſujeiçaõ, naõ por façanha.
Se o Rey dos Reys mandou cahiſſe a ſorte
de JOAM na cabeça eſclarecida ;
Deſte Poderoſo Rey no peito forte ;
Naõ ſou cruel, nem ſou delle homicida ;
Pois o levo da vida para a morte,
Por levá-lo da morte a melhor vida.

No terceiro pedeſtal do lado da Epiſtola fronteiro ao Altar mayor ſe erguia em vulto outro Eſqueleto, igualmente ornado com o manto da Ordem de Chriſto, ſuſtentando no braço direito a Real Purpura, por baixo da qual ſe lia em outro panno eſta engenhoza inſcripçaõ, obra do Reverendo Doutor Vigario:

Poſt immenſum gloriæ curriculum
Relinquens Regnum Filio,
Regno Pacem,
Orbi deſiderium ſui ;
Fideliſſimus Joannes Quintus Portugaliæ Rex,
Hìc in pace quieſcit
Rex Pacificus,
Vixit in Imperio
Annos pené quatuor ſupra quadraginta
Nobis parum, ſibi ſatis, gloriæ nimium.

E finalmente no quarto pedeſtal com outro manto da meſma Ordem ſe elevava o ultimo Eſqueleto

leto da morte, empunhando na maõ direita o Regio Ceptro, dando a entender que o noſſo Fideliſſimo Monarcha, ainda depois de morto, naõ perdera a inſignia da Mageſtade, por eſtar de poſſe de outra Coroa no Reyno do Ceo: e em outro ſimilhante lenço aos mais ſe via na frente do pedeſtal lavrada a prezente inſcripçaõ, feliz parto do meſmo Vigario:

Pone luctus; Portugaliæ Regnum;
Poſt morbum diuturnum,
Fideliſſimus JOANNES QUINTUS Rex tuus
Tandem convaluit.
Quod ſanus ſit
Inde conjice,
Obdormivit in Domino.
Non aliter dormire debuit
Dilectus hic Chriſto *JOANNES*;
Qui ſupra pectus Domini nunc recumbit.
Ibi
Et ſomno, & amori indulgens,
Oculos in terris clauſit,
Ut in cœlo aperiens ſibi reditus
Intueatur
Quæ oculus non vidit.

Ficava toda eſta engenhoza, e riquiſſima obra no meyo de quatro grandes, e bem fabricadas columnas da ordem corinthia com ſeus pedeſtaes de outro fingido alabaſtro, as columnas de marmore azul fingido, cintadas de folhagens de meyo relevado de ouro com capiteis dourados; coroando-ſe com quatro jarroens de 7. palmos de alto todos prateados.

Os

Os trifpalares deftas columnas ferviaõ de gigantes aos arcos, em que fe fuſpendia a cupula do pavilhaõ, a qual era da meſma figura oitavada com cimalha, e oito quartellas de ouro, e mais cores, moſtrando nas quatro faces principaes da figura as Reaes Quinas Luſitanas.

Era a cûpula, e pavilhaõ, que cobria a grandioſa machina deſte Regio Mauzoleo de veludo preto, todo franjado, e agaloado de ouro, e prata com curioſa direcçaõ, rematando-ſe por cima com hum dourado floraõ, que coroava o todo deſta architetura: fahiaõ deſta bem compoſta, e rica cûpula quatro cortinas, que, indo apanhar as volutas dos capiteis das columnas, formavaõ quatro arcos de meya volta redonda, fazendo por dentro a figura de barrete com varios floroens; e tarjas de ouro; naõ havendo em toda eſta fabrica ornato, que naõ foſſe precioſo, materia, que naõ foſſe rica, e fórma, que naõ foſſe applicada nas obrigaçoens da architetura pela melhor idéa da curioſidade, e invençaõ diſcreta do artificio.

Batia eſta funebre, e agigantada machina com o floraõ da cûpula no levantado tecto deſta Igreja Matriz, que ſendo na verdade hum dos mayores templos, que com incrivel deſpendio erigio neſtas Minas a piedade Portugueza, achava ainda o ſentido, e magoado coraçaõ, que á alma da Fideliſſima Mageſtade do Senhor Rey D. Joaõ o V. offerecia eſte ſacrificio, ſer todo o ſeu dilatado ambito pequeno theatro para reprezentar-lhe o ſeu amor, e ſer tanta altura curta diſtancia para hum ſincéro agradecimento, que para ſer acceito havia de chegar forçozamente da

ſuper-

ſuperficie da terra ao interior das eſpheras celeſtes.

E para ſatisfazer de algum modo na execuçaõ; ao que appetecia, e a Igreja lhe negava, quiz que a intenſaõ nas demonſtraçoens do ſentimento ſuppriſſe a extenſa eſphera do ſeu grato dezejo. Fez enlutar todo o eſpaçozo ambito interior deſte ſagrado templo deſde a porta principal até o Altar mayor, moſtrando nos horrores da cor a juſta cauſa do ſentimento: as negras paredes ſe ornavaõ com multiplicados Eſqueletos de inteiros corpos, mortes, oſſadas, e innumeraveis tarjas, em que ſe viaõ lavrados varios Lugares, e Inſcripçoens da Sagrada Eſcritura, Diſticos, e outras muitas variedades de Verſos, e Epitafios, que ideou, e applicou a curioſidade para ſignaes da dor, e tributo da veneraçaõ,

Na porta principal deſte mageſtoſo templo da parte de fóra apparecia logo á primeira viſta hum taõ magnifico, como triſte Portico, cuberto todo de panno preto, ſobre o qual ſe viaõ pintados em lenço dous Eſqueletos de meyo corpo, e com coroas na cabeça, entre os quaes ſe admirava huma excellente tarja com eſta inſcripçaõ da Sagrada Eſcritura.

Exaltas me de portis mortis
Pſalm. 9. 15.

Logo ao entrar da porta da parte direita ſe liaẽ m huma tarja eſte Diſtico.

Mortuus eſt: oculis abeuntem amplectimur udis,
Atque in perpetuum, Rex, Ave, & uſque Vale.

Na

Na parede do lado da Epiſtola tinha outra tarjeta a ſeguinte Letra da Eſcritura Sagrada:

Ne unquam obdormiam in morte.
Pſalm. 12. v. 5.

Seguia-ſe hum inteiro Eſqueleto pintado, que aos pés tinha outra tarja, com eſte texto:

Nunc ergo vide, ubi ſit haſta Regis?
1. Reg. 26. v, 16.

Do meſmo lado ſe moſtrava mais adiante em outra tarja eſte Diſtico:

Qui bene præteritos ſine labe peregerit annos,
Non horret mortis vulnera dira pati.

Bem no meyo do pulpito ſe lia em huma tarja o fiel dezengano do homem neſte Diſtico:

Vita quid eſt hominis? Ventus, flos, fabula, fœnum.
Aura, cinis, flatus, pulvis, & umbra, nihil.

E ſobre a cupula do meſmo pulpito o ſeguinte lugar da Eſcritura:

Et erat ſapientior cunctis hominibus.
3. Reg. 4. v. 31.

Em cima da porta da Sachriſtia ſe achava hũa bem formada tarja com o Diſtico ſeguinte

Lydia ; quid ploras ? Regem : Quis luctus? Amarus.
Væ nobis ! Regno ! Væ , Aurifodina , tibi !

Na outra porta fronteira a eſta do lado do Evangelho ſe divizava em correſpondencia eſte Diſtico em outra tarja:

Latus ad occaſum ; nunquam redditurus ad ortum ,
Vivo hodie , moriar cras , here natus eram.

No meyo do pulpito do meſmo lado eſta Letra Sagrada:

Sum quidem & ego mortalis homo ſimilis omnibus ?
Sapient. 7. v. 1.

E ſobre a ſua cupula o ſeguinte Diſtico em hũa curioſa tarja.

Non vixiſſe diu vita eſt ; at vivere , vita eſt :
Quid juvat ergo diu vivere , deinde mori ?

Pouco mais adiante ſe ſeguia em outra igual tarja eſte Diſtico :

Hìc jacet immiti conſumptus morte IOANNES ;
Quem cœlo aſtrifero vivida fama colit.

Moſtrava-ſe logo adiante hum Eſqueleto com a ſua foice de que cahia huma tarja com a ſeguinte Letra da Sagrada Pagina:

Mor-

Mortuus eſt autem Rex.
3. Reg. 2. v. 37.

E por baixo do coro na meſma parede ſe lia eſta em outra tarja:

Mors illi ultra non dominabitur.
Ad Rom. 6. v. 9.

E em fim, era tanta a variedade de Poemas, e Inſcripçoens, Diſticos, Epitafios, e Eſqueletos, que ao meſmo tempo, que todo o corpo deſte Templo horrorizava a viſta para os eſtimulos da dor, admirava o vario dos conceitos, e a applicaçaõ dos lugares aos juizos diſcretos, que os attendiaõ.

O Altar mayor, e todos os mais deſta grande Igreja ſe viaõ ſuperiormente encerrados com negras cortinas, e veſtidos com pendentes doceis, e ſitiaes de veludo preto, em que ſómente ſe arvoravaõ os Eſtandartes das Sacroſantas Imagens daquelle Rey dos Reys, que quiz, ſendo immortal, morrer voluntariamente no Lenho Sagrado da Cruz para a redempçaõ dos homens, cujos doceis, e ſitiaes, entre as demonſtraçoens do ſentimento, faziaõ nas muitas franjas, e galoens de ouro, e prata, de que ſe compunhaõ, huma viſta apparatoſa, e enternecida a todos os circunſtantes, de taõ funeſta acçaõ.

Todo eſte funebre apparato foy piedoſa diſpoſiçaõ para aquelle dia, em que o agradecido coraçaõ do Doutor Mathias Antonio Salgado houve de tributar a taõ Auguſto Monarcha por ſacrificio da von-

tade as mais ſolemnes Exequias, que tem viſto até o prezente eſte dilatado continente Americano, aſſim na eſtructura, e cuſto da expoſta machina, como na aſſiſtencia do concurſo, na harmonia da Muſica, na ſolemnidade do acto, no numero dos Sacerdotes, em abundancias de cera, e no diſcreto, e conceituoſo da Oraçaõ.

Nos dous lados da Igreja ſe dividiraõ dous coros de Muſica em outros tantos coretos, em cada hum dos quaes eſtavaõ dous rabecoens, e hum cravo, e quatro vozes, todos tam bem ajuſtados, que cantando todos os Reſponſorios, Verſos, e Liçoens debaixo de rigoroſo compaſſo, era tal a melodia, e conſonancia, que ſe julgava fazerem todos hum concerto, ſem faltar algum ao regulado contraponto da ſua voz.

Da parte collateral da Epiſtola aſſiſtio o Doutor Corregidor deſta Comarca com os Juizes Ordinarios em corpo de Camara com todos os ſeus Senadores, Capitaõ mór da Villa, e mais Nobreza; da parte do Evangelho a Veneravel Ordem Terceira do Patriarcha S. Franciſco, com toda a ſua Meſa, e Irmaõs Profeſſos, e Noviços, ſeguindo ſe a nobiliſſima Irmandade do Santiſſimo Sacramento, e todas as mais Irmandades, e Confrarias da meſma Igreja Matriz, que para acto taõ ſerio quizeraõ aſſiſtir em corpo de Communidade; e finalmente era taõ innumeravel o concurſo, que ſendo eſpaçozo o corpo deſte ſagrado templo, ſe via naõ menos numero por toda a ſua exterior circunferencia.

Illuminados todos os Altares; e quando ja na urna da dor queria eſte Regio Mauſoleo ſer Pyra de luzes

luzes, que vomitando incendios de hum amor penalizado, ateados no ſentimento, ſem os poder apagar o pranto, pertendiaõ deſafiar as Eſtrellas do Ceo pelo Sol, que nos roubara; digo, quando ja eſtavaõ accezas as innumeraveis tochas, que circulavaõ o mageſtoſo artefacto deſta funebre Pyramide, ſe deo feliz principio ao ſolemne Officio, que offereceo aquelle grato, e triſte peito pela Alma da defunta Mageſtade do Fideliſſimo Rey, e Senhor D. Joaõ o V. de ſempre ſaudoza memoria.

Contavaõ-ſe 20. Sacerdotes por cada lado (numero exceſſivo para huma Villa das Minas) aſſiſtindo no meyo deſtes 4. Dignidades com Pluviaes: era Preſidente o meſmo Reverendo Vigario, que o offerecia; e tudo tam bem diſpoſto, que naõ experimentou deſordem: regiaõ o choro dous cantores de ſonoras, e ajuſtadas vozes, havendo dous Thuriferarios, que inceſſantemente eſtavaõ incenſando a urna com ornato, aſſeyo, e gravidade, aos quaes acompanhava hum Sacerdote Sachriſtaõ da Igreja Matriz.

Apenas no ſolemne Officio ſe chegou ao Pſalmo *Laudate*, foy tanta a abundancia, e profuzaõ da cera, que a impulſos da liberalidade do dito Reverendo Vigario repartiraõ por todo o numeroſo auditorio e povo quatro nobres amigos ſeus, que em breve eſpaço diſtribuiraõ mais de quinze arrobas della, naõ ficando em toda a extenſaõ do templo peſſoa de qualquer condiçaõ, a quem naõ ſe offertaſſe véla de libra; ſendo depois de accezas tal a illuminaçaõ, e incendio, que deixavaõ a perder de viſta as eſtrellas do Firmamento.

Principiada a Miſſa, que celebrou o meſmo Dou-

Doutor Mathias Antonio Salgado, ſe puzeraõ as quatro Dignidades nos quatros pedeſtaes, que ornavaõ nos cortes do oitavado aquelle luctuozo Monumento, onde exiſtiraõ até o fim da funçaõ.

Concluido o ſacrificio, ſubio ao pulpito aquelle incanſavel eſpirito, a quem ſe a fadiga naõ póde cortar lhe os paſſos para o trabalho, foy poderoza a magoa, e era baſtante a cauſa, para lhe embargar as vozes para os ſuſpiros. Entre montes de penas, e entre mares de prantos expôs na dor particular o ſentimento commum: no funebre elogîo das acçoens heroicas, e virtudes do Muito Alto, e Poderozo Rey Fidelîſſimo, e Senhor D. Joaõ o V., ſe conciliou affectos ja inclinados para a pena, infundio no auditorio baſtantes fundamentos para o allivio, ou ja foſſe na chriſtaã credulidade, que devemos ter, de que gozará por aquellas o eterno premio da Gloria, ou porque, morrendo glorioſo, nos deixou no Auguſtiſſimo, e Fidelîſſimo Rey, e Senhor D. Joſeph N. Senhor, hum ſimilhante Filho, hum fiel Exemplo, hum Subſtituo, e Succeſſor da ſua Coroa, das ſuas acçoens, e das ſuas virtudes.

Manoel Joſeph Correa, e Alvarenga.

SERMAÕ
RECITADO

Pelo Vigario de S. Joaõ de ElRey, o Doutor

MATHIAS ANTONIO
SALGADO,

Nas Exequias, que fez celebrar ao Fidelissimo Rey, e Senhor

D. JOAÕ V.

Non recedet memoria ejus, & nomen ejus requiretur à generatione in generationem; sapientiam ejus enarrabunt gentes, & laudem ejus enuntiabit Ecclesia.
Eccl. 39.

SEGUNDA vez, Fidelissimo Rey e Senhor D. Joaõ o V., defunto para a nossa saudade, vivo, e immortal na nossa memoria: *Non recedet memoria ejus*, segunda vez venho a este lugar para offerecer diante dessa sombra funebre do vosso throno os extremos da nossa dor. A primeira vez subi para, em nome desta Villa, do seu nobilissimo Senado, de todo este povo, vos tributar os affectos mais puros do coraçaõ, com que estes fieis vassallos deraõ mayor preço á magnificencia dos suffragios. Hoje subo a impulsos do meu amor, a imperio da minha obriga-

obrigaçaõ, e a empenho da minha divida: Quem, como eu, vos deveo tanto, quando vivo, ja que naõ póde pagar de outro modo, pague ſentindo o que perdeo na voſſa morte. Voſſa he, Senhor, eſta Igreja, a quem como Padroeyro a devo, e quando a Igreja toda ſentida da voſſa perda ſe occupa em perpetuar na memoria dos ſeculos os voſſos louvores; como podia faltar eſta Igreja, que por todos os titulos he tanto voſſa! Ella por mim, e eu em ſeu nome farey, o que faz a Igreja toda; buſcarey o allivio da magoa, que cauſou a voſſa morte, nos louvores auguſtos, e immortaes da voſſa vida: *Laudem eius enuntiabit Eccleſia.*

Bem ſey que alguem condenará como demora culpavel o ſuſpender eu tanto tempo eſte funeral obſequio. Ha perto de ſeſſenta dias que recebemos a noticia infauſta da morte do noſſo ſaudozo Monarcha. E como ſe póde conter tanto tempo, ſem que reſpiraſſe a noſſa magoa, ſem que prorompeſſe nos exceſſos do ſentimento o noſſo amor! Mas como ſe engana o diſcurſo! Iſto naõ foy conter-ſe a obrigaçaõ e o amor; foy dilatar-ſe mais o ſentimento. Démos tempo ao tempo, para dar mais tempo ás lagrimas. Dilatamos eſte publico obſequio, para eſtender a mais dilatada eſfera os exceſſos da dor. Settenta dias continuos chorou o Egypto a morte do pay do ſeu grande Vice Rey Joſeph: *Flevit eum Ægyptus ſeptuaginta diebus.* E que muito dilatemos nós por ſeſſenta dias o chorarmos a morte do Pay Soberano do noſſo Auguſtiſſimo Rey, e Senhor D. Joſeph, dado com tanta providencia a Portugal, como Joſeph ao Egypto: Joſeph o Primeiro para a felicidade de Portu-

Portugal, como foy o primeiro Joſeph para a proſperidade do Egypto. Mas que digo chorar? Eu naõ venho a chorar morto hum Monarcha glorioſo, a quem as palavras do noſſo thema recommendaõ vivo, e immortal: *Non recedet memoria eius, & nomen ejus requiretur à generatione in generationem.* O Syro verteo: *Non deficiet memoria ejus uſque in ſæculum, & nomen ejus oblivioni non tradetur à generatione in generationem.* Saõ Joaõ eſcreveo que os defuntos, que com huma ditoza morte daõ principio a huma vida bemaventurada, entraõ noCeo acompanhados das ſuas obras: *Opera enim illorum ſequuntur illos.* Sua Mageſtade, que Deos nos levou, entrou no Ceo naõ ſó acompanhado das ſuas obras, mas do ſeu grande nome; das obras como acredoras do premio; do nome, que, incluindo no ſeu ſignificado a graça, lhe ſegurou a poſſe da gloria. Sendo iſto tanto, naõ he o mais; o mais he, que as obras, e o nome, que ſeguiraõ a Sua Mageſtade até o Ceo, com huma ſimilhança de immenſidade tambem ficaraõ comnoſco na terra. Foraõ com elle para lhe negociarem a immortalidade na Patria; ficaraõ comnoſco para o immortalizarem no mundo. Foraõ com elle para o metterem de poſſe da eterna gloria, ficaraõ comnoſco para lhe eſtabelecerem huma gloria, que nunca ha de acabar na memoria dos ſeculos, e na admiraçaõ dos homens: *Non recedet &c.* Sim. Naõ ha de acabar, porque as naçoens do mundo, e a Igreja, repartindo entre ſi os elogîos deſte Monarcha, o faraõ immortal em todas as idades; as naçoens publicando a ſabedoria, com que governou os vaſſallos, a Igreja celebrando a piedade, com que engrandeceo a mageſtade da coroa: *Sapientiam*

eius enarrabunt gentes, & laudem eius enuntiabit Ecclesia. E sem advertirmos, temos achado o lenitivo da nossa dor na perpetuidade da memoria, e na immortalidade do nome do nosso defunto Monarcha o Fidelissimo Senhor Rey D. Joaõ o V. Ouviremos o que dizem as naçoens do mundo, e a Igreja; ouviremos os acertos do seu reynado, as maravilhas da sua piedade; e acabaremos de entender que o Fidelissimo Senhor Rey D. Joaõ o V. he de glorioſa memoria, e immortal, pelo que delle publicaráõ as naçoens, e celebrará a Igreja: *Non recedet &c.*

Nada dezeja tanto a vaidade dos mortaes, como illudir o decreto inalteravel da morte com a vida perduravel da fama, e com a immortalidade do nome. Com este pensamento levantáraõ estatuas, fabricáraõ collossos, erigiraõ templos; enganaraõ-se porém os mortaes na eleiçaõ destes meyos para o fim da immortalidade, a que aspiraraõ. Naõ saõ as obras alhêas mas as proprias, as que fazem immortaes os homens. Cada hum com as suas obras he o artifice da immortalidade do seu nome. O homem ficou mortal pela culpa, e pelo merecimento he que recupera a immortalidade, que perdeo. Ninguem soube melhor esta arte que o Fidelissimo Senhor Rey D. Joaõ o V.: a pezar da morte o respeitaõ immortal todas as naçoens; mas a sua immortalidade he effeito glorioſo da sabedoria, com que governou: *Sapientiam ejus enarrabunt gentes.* Naõ ha arte taõ difficultoza como a arte de governar homens, por isso nenhuma cousa he taõ necessaria aos Reys como a sabedoria. Bem o conheceo Salamaõ; a quem offerecendo Deos dar-lhe o que dezejasse, o que pedio para dezempenhar as obri-

gaçoens

gaçoens de Rey, foy a ſabedoria: *Poſtulaſti tibi ſapientiam.* Até o meſmo Deos em confirmaçaõ deſta verdade, quando nos prometteo a ſeu Filho como Rey, o prometteo como Sabio: *Regnabit Rex, & ſapiens erit.* Eſta ſabedoria, que reſplendeceo no Rey immortal da gloria, he a que fez immortal o nome auguſto do noſſo Rey. Naõ ſou eu o que o digo; taõ as naçoens todas: *Sapientiam ejus &c.* Reparem: naõ ſó louvaõ a ſabedoria do ſeu governo, mas a ſua ſabedoria. Nos Reys huma couſa he governarem com acerto, e outra couſa he ſer ſua a ſabedoria, com que governaõ. Houve no mundo outros Monarchas, que dezempenharaõ no governo as maximas da ſabedoria; mas a ſabedoria, que reſplendecia no governo, naõ era ſua, era do vaſſallo, era do conſelheiro, com quem repartiaõ o pezo da Monarchia. Em Babylonia o Rey era Balthazar, mas o ſabio era Daniel. Em Jeruſalem o Rey era David, mas a ſabedoria do conſelho eſtava em Achitofel. Em Egypto o Rey era Faraó, mas a ſabedoria, que felicitava o imperio, toda era de Joſeph. Em Portugal ſe admirou a excepçaõ deſta regra, onde o Rey era taõ ſabio, que os acertos do ſeu governo todos ſe attribuiaõ, naõ á ſabedoria dos vaſſallos, mas á ſua ſabedoria: *Sapientiam ejus.* Elle era o Balthazar, e o Daniel, o David, e o Achitofel; elle era, o que governava como Faraó, e o que ſabia como Joſeph: por iſſo os louvores, que merecia a ſabedoria do ſeu governo, ſem ſe repartirem com os vaſſallos, todos eraõ ſeus: *Sapientiam ejus.* Aſſim como a ſabedoria teve lugar taõ diſtinto no ſeu throno, tambem procurou que dominaſſe no ſeu Reyno: para eſſe fim

inſtituio a Academia Real da Hiſtoria, de quem foy Protector, e Mecenas, e ſerá glorioſo aſſumpto. Eſte meſmo dezejo manifeſtou nos dous clauſtros religioſos, que fundou em Mafra, e nas Neceſſidades, aonde eſtabeleceo outras tantas caſas de ſabedoria. Como conhecia que as livrarias ſaõ as officinas, em que a ſabedoria coſtuma polir os engenhos, e aperfeiçoar os ſabios, o ſeu mayor eſtudo foy ajuntar Bibliothecas. Para conſtituir o ſeu palacio palacio da ſabedoria, o ornou de huma Bibliotheca taõ magnifica, como quem a ajuntou. A Mafra, e as Neceſſidades, que fundou, tambem enriqueceo com livrarias copioſas. Na Univerſidade de Coimbra mandou fabricar huma Bibliotheca publica taõ magnifica, que em tudo correſponde á grandeza daquelle emporio das letras. Até nos eſtudantes de S. Antaõ fez Sua Mageſtade publico o amor, que tinha á ſabedoria: para os promover na ſciencia lhe introduzio novos eſtimulos no certame, e lhe fez huma occulta, e ſuave força com os premios. Conſignou rendas para que duas vedes no anno ſe publicaſſem compoſiçoens, deſtinanzo ſe aos vencedores proporcionados premios em todas as claſſes. Por eſte meyo vio Sua Mageſtade o ſeu Reyno taõ povoado de ſabios, que no ſeu tempo teve a ſabedoria em Portugal o ſeu imperio. A ſabedoria para engrandecer a ſua gloria dizia por boca de Sabio: *Per me Reges regnant*, que por ſeu meyo reynavaõ os Soberanos. Em Portugal teve eſta divida proporcianada ſatisfaçaõ: a ſabedoria fez reynar o Monarcha; e o Monarcha fez reynar a ſabedoria. A ſabedoria o pôs no throno, e elle collocou a ſabedoria no throno, em que o pôs. Deſorte que ao meſ-

meſmo tempo que a ſabedoria olhando para todos os Reynos do mundo repete glorioſa: *Per me Reges regnant*; olhando para o noſſo Reyno, e para o noſſo defunto Monarcha póde confeſſar agradecida: *Per Regem regno.* Mas ſe ella foy taõ exaltada pelo Rey no ſeu Reyno, ella exaltou tanto no mundo ao noſſo Monarcha, que por todas as naçoens he celebrada a ſua ſabedoria: *Sapientiam eius.*

Teve o noſſo Monarcha ſabedoria, mas a ſua ſabedoria teve por credito ſer huma ſabedoria bemaventurada, por ſe applicar ao ſoccorro dos pobres; que eſſa he a ſabedoria bemaventurada na opiniaõ deDavid: *Beatus, qui intelligit ſuper egenum, & pauperem.* Deos deo ao noſſo Monarcha naõ ſó a ſabedoria, mas as riquezas; podendo repetir o noſſo Soberano: *Venerunt mihi omnia bona pariter cum illa*; porém elle para ſe desempenhar com Deos beatificou a ſabedoria, reſtituindo liberalmente a Deos as riquezas que lhe deo, pelas maõs dos pobres. Naõ ha em todo Portugal Communidade Religioſa; nem houve neceſſidade publica, a quem o noſſo Monarcha naõ ſoccorreſſe com maõ taõ larga, como ſua. Diga o Campo Mayor abrazado com dezaſtre violento. Diga o Lisboa na epidemia, que no ſeu tempo padeceo. Diga o a Provincia de Alen-Tejo na eſterilidade continuada, que experimentou por alguns annos, onde Sua Mageſtade a huns deo o ſoccorro, a outros o remedio, e a todos ſupprio a falta do neceſſario. E que diraõ os mais vaſſallos, a quem Sua Mageſtade ſoccorreo nas mais urgentes neceſſidades? Naõ he precizo que digaõ mais do que diziaõ as ſuas lagrimas todas as vezes que Sua Mageſtade ſe via em perigo de vida, que foraõ muitas

tas, chorãndo todos a ſua falta, naõ ſó como Rey, ſenaõ como Pay. Aſſim fez o noſſo Monarcha bemaventurada a ſua ſabedoria applicando a ao ſoccorro dos neceſſitados: *Beatus, qui intelligit ſuper egenum & pauperem.* Mas ſe a ſua ſabedoria foy bemaventurada por dar aos neceſſitados o ſoccorro, de que careciaõ, tambem foy bemaventurada por dar aos ſeus vaſſallos o mayor bem. E que bem ſerá eſte? He aquelle, que de continuo pedimos a Deos: *Da pacem Domine in diebus noſtris.* Foy a paz, que Deos nos concedeo por meyo da ſabedoria do noſſo Monarcha. Eſte foy o primeiro cuidado de Sua Mageſtade, apenas occupou o throno, concluir os ajuſtes da paz e conſervá-la. Tudo teve o effeito dezejado; porque eſtipulada a paz com Caſtella, e França, que no principio de ſeu reynado eſtavaõ em campo contra Portugal, a paz, que eſtabeleceo, foy huma paz firme, e perduravel. O Real Profeta David, fallando do reynado de Chriſto ſeu filho, diſſe, faria glorioſo o ſeu imperio com abundancia da paz: *In diebus ejus abundantia pacis.* Eu bem ſey que os Monarchas do mundo aſſim como repreſentaõ a Deos no dominio, que delle recebem, tambem ſaõ huns Deozes pequenos cá da terra, e como taes filhos ſingularmente do Altiſſimo; aſſim o reconheceo o meſmo David: *Ego dixi, dii eſtis, & filii Excelſi omnes.* Porém entre todos os Reys ſe diſtinguio o noſſo Monarcha, como filho do Altiſſimo, que ao ſeu imperio communicou Deos aquella abundancia da paz promettida no imperio de ſeu Filho: *In diebus ejus abundantia pacis.* O doutiſſimo Leblanch; explicando eſta abundancia de paz, eſcreveo: *Pax copioſiſſima, & maxime diuturna.* Huma paz copioſiſſima;

ſiſſima, hũa paz, que ſe eſtende pela ſerie dilatada dos tẽpos. E naõ he eſta a paz, que ſe vio em Portugal no tempo do noſſo Soberano? Toda Europa ardendo em guerra, todas as Monarchias inquietas, e algumas aſſoladas com as levas, com as campanhas, com as batalhas, com os tumultos da guerra; e Portugal logrando a abundancia da paz, que lhe communicava o ſeu Monarcha: *In diebus ejus abundantia pacis.* Huma ſó guerra conſervou o Auguſtiſſimo Senhor Rey D. Joaõ o V., e foy dentro no ſeu Reyno; era a guerra, que fazia aos crimes, e aos delinquentes: porém como neſta guerra reſplendecia o exercicio da juſtiça, eraõ novos vinculos, com que firmou a paz, que nos dava: *Juſtitia, & pax oſculatæ ſunt.* Bem conheceo Sua Mageſtade a ſympatia, que entre ſi tem eſtas duas virtudes; por iſſo buſcou na paz a adminiſtraçaõ da juſtiça. Eſte foy hum de ſeus mayores cuidados, como o primeiro que devem ter os Monarchas. Eſcolhia para os tribunaes os miniſtros mais incorruptos. Naõ permittia que os grandes, e os poderozos entendeſſem eraõ privilegiados para a obſervancia das leys; taõ attento ſempre ao fiel da balança da juſtiça, que ſe no ſeu tempo fez lembrar o imperio do Filho de Deos pelo attributo da paz, naõ menos o reprezentou na inteireza da juſtiça: *In diebus ejus juſtitia, & abundantia pacis.* Prerogativas taõ ſingulares, que publicadas no mundo pelos eccos da fama, de tal ſorte excitaraõ os aſſombros das naçoens, que todas com acclamaçaõ uniforme engrandecem a ſabedoria do ſeu governo: *Sapientiam ejus enarrabunt gentes.* Ficando por eſte modo o Fideliſſimo Senhor Rey D. Joaõ o V. de glorioſa memoria

pela

pela immortalidade do ſeu nome : *Non recedet memoria eius &c.*

Et laudem ejus enuntiabit Eccleſia.

Mal podiaõ faltar os louvores da Igreja a hum Monarcha , que com tanto deſvélo cuidou nos augmentos do Culto Divino , na perfeiçaõ das ceremonias Eccleſiaſticas , e em enriquecer , e levantar altares , e templos ao Rey do Ceo. Mas que louvores diz a Igreja deſte Rey ? Diz o meſmo , que eſtaõ dizendo o ouro , a prata , os bronzes , os marmores as pedras precioſas , que Sua Mageſtade offereceo a Deos nos templos com liberalidade Real. Diz que foy hum Rey pio , hum Rey Catholico ; hum Rey exemplar do zelo , da Fé , e da Religiaõ : em fim, hum Rey dado ſingularmente por Deos para augmento da divina gloria , e para utilidade da Igreja. Eterno ficara o ſeu nome , e a ſua memoria nos annaes do Vaticano. Alli ſe lerá, para exemplo dos Reys Catholicos , a veneraçaõ , o amor , e o reſpeito , que teve á Igreja , e a ſeus Paſtores. O titulo eſtimabiliſſimo de filho da Igreja he hereditario nos Reys dePortugal, depois que o Padre duas vezes S. Pio V. o deo ao noſſo ſaudozo Rey D. Sebaſtiaõ. Mas o noſſo Monarcha o fez tanto ſeu , como ſe naõ fora herdado , accreſcentando ao nome de Filho o titulo glorioſo deFideliſſimo com que o ſupremo Paſtor da Igreja engrandeceo a ſua piedade. E na verdade em todas as occaſioens ſe portou ſua Mageſtade como Filho Fideliſſimo da Igreja. Dos filhos , que em Chriſto gerou , dizia S. Paulo que por fieis eraõ a ſua coroa : *Vos eſtis corona mea.*

De-

Deſte filho Fideliſſimo póde dizer o meſmo a Igreja, que he a ſua Coroa, pois para firmar na cabeça do Paſtor Supremo a Tiara lhe accreſcentou com as forças navaes do ſeu Reyno mais huma Coroa. Ja ſabem quero dizer que, implorando o Summo Pontifice ſoccorro de Sua Mageſtade contra o Turco; que com huma poderoſa armada ameaçava a ultima ruina á Cabeça da Igreja, Sua Mageſtade lhe mandou hum ſoccorro taõ recopilado, que ſendo ſette os navios, de que conſtava a armada Portugueza, ſe lhe fizermos a conta pela arithmetica do valor, acharemos era huma armada compoſta de milhares de vaſos. Aſſim o deve confeſſar o mundo, o qual com inveja, e aſſombro vio que baſtaraõ as Quinas Portuguezas para eclipſar o orgulho infiel da Lua Othomana. Retirou-ſe deſtruida a armada dos Turcos. Ficou a victoria pelos Portuguezes, que tiveraõ a gloria de engrandecer a Tiara da Igreja com mais eſta Coroa. Quando Pedro no Horto queria defender a Chriſto, naõ acceitou Chriſto a defenſa, dizendo que para iſſo tinha no Ceo a milicia dos Anjos: *An neſcis poſſum rogare Patrem meum, & exhibebit mihi pluſquam duodecim legiones Angelorum?* Vejaõ a gloria dos Portuguezes. A Chriſto querer ſer defendido no Horto, naõ admittiria os Apoſtolos, porque tinha Anjos. Mas para Chriſto, e Pedro ſer defendido no ſeu Vigario, e Succeſſor, naõ ſe vale da milicia dos Anjos, e quer os ſoldados Portuguezes. Ja houve, e foy o principe dos Prégadores, quem interpretaſſe a favor dos Portuguezes, dando a conhecer no mundo por meyo das Conquiſtas o nome de Deos, a profecia de Izaias: *Ite Angeli veloces.* Naõ duvido foraõ

como Anjos na propagaçaõ da Fé os Portuguezes; mas tambem he certo encheraõ as vezes de Anjos, defendendo a Chriſto no ſeu Vigario. O certo he, que Chriſto, no caſo que quizeſſe ſer defendido, havia de pedir ao Pay os Anjos; e o Vigario de Chriſto para ſer defendido dos inimigos de Deos pedio o ſoccorro a eſte Filho Fideliſſimo. Eſta glorioſa acçaõ, com que eſte Filho dezempenhou o titulo de Fideliſſimo, ſuſtentando a Cabeça da Igreja na alteza, que lhe era devida, ſervio tambem de manifeſtar a uniaõ intima do amor, que com ella tinha. O Divino Eſpozo, querendo louvar o peſcoço da Eſpoza, que em figura era a Igreja, ſe valeo da ſimilhança da torre de David, toda guarnecida de eſcudos, e armas: *Turris David collum tuum, mille clypei pendent ex ea, omnis armatura fortium.* Similhante á torre de David o peſcoço da Eſpoza? E com que penſamento? Direy o que entendo. Naõ he o peſcoço na ſymetria do corpo o mais unido a cabeça? Naõ ha duvida. Naquelle formoſo compoſto da Eſpoza naõ ſe reprezentava a Igreja? Todos o ſabem. Agora notem: A torre de David foy deſtinada para defender a ſantidade do Siaõ figura da Igreja, dos inſultos atrevidos dos Jebuzeos, que eraõ os infieis daquelle tempo. Tudo diſſe o doutiſſimo Gislerio: *Extitiſſe vero turrim hanc maxime ſpectabilem, ut ab expulſis Jebuzeis tutam ſervaret arcem Sion.* Quer pois dizer o Eſpozo, que quem com uniaõ mais intima eſtá unido á Cabeça da Igreja, he quem ſabe dezempenhar a gloria da torre de David; defendendo o Siaõ da Igreja dos aſſaltos dos infieis. Naõ ha duvida que todos os Reys Catholicos ſaõ membros da Igreja, mas quem occupava o lugar do

peſ-

peſcoço; como mais unido á cabeça, foy o Filho Fideliſſimo da Igreja o Senhor Rey D. Joaõ o V. Nas ſette náos, com que ſocorreo a Igreja, pôs em campo ſette movediças Fortalezas, e naquella occaſiaõ os Caſtellos, que cercavaõ as Quinas nas bandeiras de Portugal, eraõ outras tantas torres de David para a defenſa da Igreja: mas por iſſo o noſſo Monarcha manifeſta mais intima uniaõ com a cabeça da Igreja. Bem ſey, que naquelle conflicto tambem ſe viraõ as armas dos outros Filhos da Igreja, todos valoroſos, e alentados: *Et omnis armatura fortium.* Mas quiz a Providencia que elle, affugentando os infieis, que ſe oppunhaõ á Igreja, aſſimilhaſſe a gloria da torre de David triunfando dos Jebuzeos: *Ab expulſis Jebuſeis &c.* Para que aſſim conheceſſe o mundo, que eſte Filho Fideliſſimo no corpo myſtico da Igreja reprezentava o myſterio do peſcoço, por ſer o mais unido á Cabeça da meſma Igreja: *Turris David &c.*

Mas deixemos ja de admirar eſtas acçoens da piedade do Filho Fideliſſimo da Igreja, em que ſe reparte a gloria entre a piedade, e o valor, entre o zelo da religiaõ, e a valentia; e entremos a ouvir a quellas acçoens do noſſo Monarcha, que a Igreja publica, todas filhas da ſua piedade. A devoçaõ deſte grande Rey ſó póde ter ſimilhança com a ſua fé. A recreaçaõ para elle mais goſtoſa era o vir á tribuna aſſiſtir aos Officios Divinos, procurando que em todos ſe praticaſſem com exacta perfeiçaõ as ceremonias da Igreja, em que era peritiſſimo. A ſua Patriarchal era todo o ſeu amor. Alli ſe achava aſſiſtindo na tribuna a todas as horas do coro; taõ pontual neſta aſſiſtencia, que nenhum Miniſtro do Altar, por mais que ſe

diſtinguiſſe na rezidencia, lhe levava a primazia. O mais he, que nem nos ultimos annos da ſua vida foy baſtante a enfermidade para lhe fazer interromper eſta aſſiſtencia, antes quanto mais ſe via opprimido da enfermidade, entaõ buſcava no Author da vida o alli-vio. Neſta materia admirei hum ſucceſſo, que, ainda que o naõ poſſo canonizar por milagre, nas ſuas circunſtancias parece excede as forças da natureza. Huma das occaſioens, em que aquelle fatal accidendente aſſaltou a Sua Mageſtade, ſe vio em perigo taõ evidente, que ſe publicaraõ preces em toda Liſboa. No ſegundo dia das preces eſteve Sua Mageſtade tanto ás portas da morte, que ſe valeraõ os Medicos do remedio violento das ſarjas para o livrarem do perigo. No terceiro dia das preces, ao meſmo tempo que toda Lisboa eſtava cuidadoza, e aſſuſtada com o perigo do ſeu Soberano; ao meſmo tempo que a Santa Igreja Patriarchal multiplicava affectuoſas rogativas pelo ſeu Auguſto Fundador, appareceo de repente Sua Mageſtade na tribuna acompanhando as preces, que ſe faziaõ pela ſua enfermidade com acçaõ de graças, que vinha render a Deos pela ſua melhoria. David, aquelle piedozo Rey taõ empenhado no Divino Culto, dizia viera dar ao templo infinitas graças ao author da vida pelo livrar das portas da morte: *Exaltas me de portis mortis, ut annuntiem omnes laudationes tuas in portis filiæ Sion.* Vejaõ a differença, que faz David ao noſſo Rey. David primeiro o livra Deos das portas da morte, e depois he que vem ao templo a dar a Deos as graças pelo livrar da enfermidade. O Senhor Rey D. Joaõ o V., ao meſmo tempo que eſtava ás portas da morte, por eſtas meſmas

portas

portas entra no templo para agradecer a Deos a vida. Quando os Miniſtros da Igreja offerecem preces pela ſua enfermidade, aparece no templo a dar as graças pela melhoria. Por eſte modo extraordinario manifeſtou Deos quanto lhe agradava a piedade deſte grande Rey, concedendo-lhe a vida com taõ particular cuidado para lhe continuar os obſequios. Porém eſte meſmo cuidado de Deos me dá fundamento a hum reparo, que entendo ſerá de todos. Reparo em Deos condenar a huma enfermidade taõ prolongada hum Rey piedozo, a quem com taõ declarado empenho concede a vida. Dá mayor força ao meu reparo hum ſucceſſo da Eſcritura. A doença, que na Eſcritura póde ter alguma ſimilhança com a do noſſo ſaudozo Rey, foy a de Ezechias. Enfermou ElRey Ezechias, e enfermou como o noſſo Soberano, porque de ambos foy mortal a enfermidade: *Ægrotavit Ezechias uſque ad mortem.* Hum, e outro conſeguio a ſaude milagroſa por meyo de lagrimas. Ezechias por meyo das muitas, que elle meſmo chorou, o noſſo Monarcha por meyo das lagrimas de ſeus vaſſallos, que com rogativas, prociſſoens, e preces alcançaraõ para o ſeu Rey a ſaude dezejada. Para a melhoria de Ezechias contribuio hum prodigio do relogio de Achaz, que eſtava no palacio, que por eſta maravilha ſe manifeſtou a expreſſa figura de Maria Mãy de Deos. Tudo diſſe Mauricio de Vita Probata: *Maria Horologium, ad cujus decimam lineam reverſus eſt ſol Juſtitiæ.. ut ſanaretur homo.* A melhoria de Sua Mageſtade tambem foy beneficio da Mãy de Deos: pois á Senhora das Neceſſidades, que em Palacio lhe aſſiſtio, reconheceo o noſſo Monarcha dever a vida.

Entre tanta ſimilhança acho daparte da melhoria huma grande differença ; porque a Ezechias dilatou Deos a vida por mais quinze annos , ao noſſo Monarcha lhe concedeo a vida pouco mais de oito. Ezechias teve vida , que na realidade foy vida, porque conſeguio ſaude perfeita ; o Senhor Rey D. Joaõ o V. teve tal vida; que mais ſe lhe pode chamar ou enfermidade ſucceſſiva , ou morte prolongada.

Ah Deos , e que occultos ſaõ os voſſos juizos ! Os homens , pondo os olhos neſtes dous Monarchas , os reconhecemos os mais ſimilhantes nas acçoens da piedade , e do zelo. Ezechias deſtruio os Idolos , e fez guerra aos Idolatras : *Diſſipavit excelſa , contrivit ſtatuas. . ipſe percuſſit Philiſtæos.* E iſto meſmo executou na India o noſſo Monarcha , coroando a Eſtatua de pacifico com os triunfos da Idolatria. Ezechias foy o reparador do Divino culto em Iſrael. Sua Mageſtade o promoveo no ſeu Reyno. Ezechias abrio novamente o templo. O noſſo Monarcha fundou de novo muitas Igrejas. Ezechias cuidou em reſtituir ao templo os Sacerdotes , os Levitas , e os Cantores , purificando com todas as ceremonias a caſa de Deos. O Senhor Rey D. Joaõ o V. ſagrou templos, e altares em grande numero ; e na Caſa , que conſagrou a Deos na ſua Patriarchal , lhe offereceo naõ ſó Cantores exquizitos convocados com deſpeza exceſſiva de todo o mundo , mas hum numero extraordinario de Miniſtros taõ condecorados pelos ſeus naſcimentos, pelas ſuas letras , pelas honras , pela dignidade , e taõ abundantes de rendas , que nelles ſe manifeſta bem a grandeza de ſeu Real animo. Ezechias convocou o ſeu povo para celebrar a Paſchoa do Cordeiro com a ſo-

4. Reg. 28. 4. 81.

ſolemnidade dos Azimos: *Miſit nuntios ad populum convocandum, Phaſe celebrans cum Azimorum ſolemnitate.* Eſcreveo o doutiſſimo Merz. Sua Mageſtade procurou tanto o culto do Corpo de Deos, figurado naquella ſolemnidade, que convocou toda a ſua Corte, e as ſuas vizinhanças para formar hum triunfo taõ magnifico, e glorioſo, que foſſe digno da Mageſtade Divina, a quem ſe offerecia, e da humana, que o conſagrava. Finalmente, Ezechias louvava a Deos todos os dias entoando Pſalmos no ſeu ſanto templo: *Pſalmos noſtros cantabimus cunctis diebus vitæ noſtræ in domo Domini.* E Sua Mageſtade naõ ſó aſſiſtia na Caſa de Deos todos os dias, ouvindo os Pſalmos, que em louvor de Deos ſe entoavaõ no coro, ſenaõ que particularmente rezava o Officio Divino todos os dias com raro exemplo de devoçaõ, e piedade. A' viſta deſta ſimilhança, que o Senhor Rey D. Joaõ o V. teve com Ezechias, quem naõ diria que Deos movido das noſſas lagrimas, e da piedade deſte grande Rey, lhe concederia huma vida taõ proſpera, e dilatada por tantos annos como a Ezechias? Mas naõ foy aſſim, como entendemos; porque a vida lhe foy ſó concedida por oito annos, e lhe foy otorgada com a penſaõ de huma enfermidade continua, e diuturna. E com que providencia aſſignaria Deos eſte decreto? Se os abiſmos ineſcrutaveis da Divina ſabedoria ſe podem de longe reverentemente inveſtigar, eu diſſera que aſſim o determinou Deos para fazer dous beneficios. Hum ás Almas ſantas do Purgatorio; outro á alma de Sua Mageſtade, que, como piamente cremos, hoje o goza. Era Sua Mageſtade o mais ſignalado bemfeitor das Almas do Purgatorio; conce-

concedeo Deos a vida a Sua Mageſtade, e ahi fez beneficio ás Almas do Purgatorio, porque lhes prorogou mais o tempo dos ſuffragios. Deo a Sua Mageſtade huma vida por oito annos, mas penalizada, e niſſo conſiſtio o beneficio da ſua alma. Quiz Deos que ſatisfizeſſe pela pena temporal do Purgatorio correſpondente ás culpas com os ſacrificios quotidianos, que offerecia pelas Almas do Purgatorio, e com o purgatorio, que deſte modo padeceo em oito annos de enfermidade, pudeſſe por meyo de huma morte bemaventurada voar a poſſuir o eterno deſcanſo na viſta de Deos. Parece-me que Salamaõ no livro do Eccleſiaſtico nos deixou myſterioſamente deſcrita eſta felicidade do noſſo glorioſo Rey: *Mitte panem tuum ſuper tranſeuntes aquas, quia poſt tempora multa invenies illum. Da partem ſeptem, necnon & octo: quia ignoras, quid futurum ſit mali ſuper terram.* Lança o teu paõ ſobre as agoas, que paſſaõ, e depois de muito tempo o acharás. Offerece ſette, e tambem oito, porque naõ conheces os males, que eſtaõ para vir ſobre a terra. Póde haver texto mais enigmatico? Porém ſe fizermos reflexaõ na vida do Senhor Rey D. Joaõ o V., nos ſerá facil addivinhar o enigma. Nas letras ſagradas pelas agoas ſe entendem as tribulaçoẽs, por iſſo muitos intrepretes com Alapide explicaraõ por eſtas agoas as penas do Purgatorio, e pelo paõ o paõ ſagrado, e conſagrado, que no ſacrificio da Miſſa ſe offerece em ſuffragio: *Aliqui*, diz Alapide, *Per aquas tranſeuntes intelligunt animas in purgatorio detentas, quaſi hìc pro eis jubeat effundere... ſuffragia.* Eſta he a razaõ, com que nos diz o Eccleſiaſtes, que depois de muitos tempos acharemos eſte paõ, porque de-

Eccl. 11. v. 2.

Alap. ibi.

depois do tempo da vida he que principalmente ſe colhe o fructo deſtes ſuffragios. Toda a duvida conſiſte naquelle: *Septem, necnon & octo.* Rabi Salamaõ com outros, allegados por Alapide, pelo ſette entendem os ſette dias da ſemana: *Per ſeptem intelligunt ſeptem dies ſeptimanæ, quali dicat, quotidie date eleemoſynam.* Como ſe diſſera: dai eſmóla, offerecei ſuffragios todos os dias da ſemana, que aſſim vos livrareis das penas da outra vida. Aſſim interpreta S. Jeronymo citado por Alapide as ultimas palavras do texto: *Ignoras &c.*, affirmando que aquelles males ameaçados ſaõ as penas da outra vida. Tudo eſtá bem explicado, todo o traballo he explicar o *necnon & octo.* Porém para iſſo naõ neceſſito de outro interprete mais que o meſmo ſucceſſo. Parece que o texto foy talhado para Sua Mageſtade, e por iſſo até aqui ſe naõ achava cabal interpretaçaõ áquelle oito, porque a interpretaçaõ dos oito ſó ſe havia de achar nos oito annos, que Sua Mageſtade padeceo a vida, ou viveo luctando com a morte. O Senhor Rey D. Joaõ o V. ſeguindo o conſelho do Eccleſiaſtes, lançou o ſeu paõ ſobre as agoas, porque offereceo nos ſacrificios o Paõ da Euchariſtia, o qual, pela veneraçaõ, que lhe teve, e pelo culto ſingular, que lhe conſagrou, ficou por antonomazia o ſeu paõ: *Mitte panem tuum &c.* Todos os dias offereceo eſtes ſuffragios para encher o ſignificado myſterioſo no numero 7. recommendado no texto: *Per ſeptem intelligunt &c.* Nos dias dos ſuffragios encheo o ſignificado dos ſette, e nos annos da enfermidade o numero myſterioſo dos oito: *Da partem ſeptem, necnon & octo.* Deſte modo ajuntando o purgatorio de oito annos aos ſuffragios,

que

que offerecia pelas benditas Almas do Purgatorio todos os dias, ſe livrou das penas da outra vida taõ temorozas: *Quia ignoras quid mali futurum ſit ſuper terram.* Toda eſta felicidade lhe conſeguiraõ as acçoens de piedade, que exercitou, e por iſſo a Igreja o engrandece immortal na piedade: *Laudem ejus enuntiabit Eccleſia.*

Vivei pois, Fideliſſimo Senhor, vivei, e reinai, em hum, e outro mundo Rey; em hum, e outro mundo depois da morte immortal. Na terra immortal pelas voſſas acçoens; no Ceo immortal pelo voſſo merecimento. Na terra immortal com a aſſiſtencia, que tiveſtes de Deos no voſſo throno; no Ceo immortal aſſiſtindo ao throno de Deos. Na terra immortal pela ſabedoria, com que governaſtes o voſſo reyno; no Ceo immortal pela ſabedoria, com que adquiriſtes o reyno de Deos. Na terra immortal pela piedade com os homens; no Ceo immortal pela miſericordia de Deos. Na terra immortal como Rey Fideliſſimo, no Ceo immortal como ſervo fiel. Na terra immortal pela paz, em que conſervaſtes o voſſo reyno; no Ceo immortal pela paz, em que deſcançais neſſe reyno bemaventurado, que ja he voſſo.

Requieſcat in pace.